

# O TRABALHO SIMBÓLICO E O SELF DA EMPRESA<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO TRABALHO PELA PSICOLOGIA SIMBÓLICA

*Carlos Amadeu Botelho Byington<sup>2</sup>*

O trabalho é a atividade humana que provê nossa subsistência. Ele pode ser uma atividade muito simples, que qualquer um pode fazer em troca de um salário, ou pode ser exercido dentro de uma gama crescente de complexidade, que necessita muitos anos de prática, estudo e especialização para se poder exercê-lo. Do ponto de vista do sistema neuro-endócrino, que coordena nossa conduta, o trabalho simples é muito próximo do funcionamento habitual do nosso corpo; quanto mais complexo o trabalho, maior a associação criativa de circuitos cerebrais e maior a abstração conceitual articulada com o aprendizado e a memória. Este enfoque sobre a conduta necessária para a execução do trabalho deve ser complementado pelo efeito que o trabalho tem sobre o todo da personalidade e da sociedade. O trabalho produz coisas e, ao mesmo tempo, transforma o Ser de quem o faz e de quem o usufrui - é este fato que torna o trabalho símbolo e função estruturante da Psique. Aquilo que é desempenhado como tarefa do dia-a-dia para operar a sociedade e garantir a subsistência do trabalhador e de sua família tem também significados psicológicos, que formam e transformam a identidade do Eu e a do Outro na Consciência Individual e na Coletiva. O difícil é saber como isso acontece na prática.

A dimensão coletiva do trabalho pode ser estudada num todo imediato, a Instituição; ou num todo maior, o país; ou num todo maior ainda, o Planeta. Tradicionalmente, este estudo é feito dentro de parâmetros da Macro e da Micro Economia. Neste artigo, o enfoque do estudo da dimensão individual e coletiva do trabalho é feito em função do Processo de Humanização, cujos referenciais de valor ultrapassam os da Economia e procuram abordar o ser humano de um modo sistêmico e holístico (Tabone, 1993). Para fazê-lo, necessitamos de um referencial teórico que ultrapasse as dicotomias ditas cartesianas, como psique-natureza, subjetivo-objetivo, que impedem a abordagem plenamente simbólica, holística e sistêmica necessária para o estudo do trabalho como um fenômeno existencial que modifica a natureza à nossa volta.

---

<sup>1</sup> Artigo publicado na Junguiana nº 18, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 2000.

<sup>2</sup> Médico Psiquiatra e Analista Junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Membro da Associação Internacional de Psicologia Analítica. Educador e Historiador e criador da Psicologia Simbólica Junguiana.

E-mail: [c.byington@uol.com.br](mailto:c.byington@uol.com.br) site: [www.carlosbyington.com.br](http://www.carlosbyington.com.br)

Quando separamos a essência do produto objetivo do trabalho da essência subjetiva do agente que o produz, entramos numa perspectiva polarizada, que nos impede de percebermos o trabalho na dimensão existencial como obra da vida e a própria vida como obra do trabalho. Tenho a impressão de que, se compreendermos a vida como obra do trabalho durante o Processo de Elaboração Simbólica, temos mais condições para compreendermos o trabalho ontologicamente, ou seja, como uma dimensão enraizada na própria natureza do Ser.

Não se trata de eliminarmos as polaridades Eu-Outro, Outro-Outro, trabalhador-trabalho, funcionário-empresa, e sim de não empregarmos os pólos das polaridades de forma exclusivamente oposta como se a natureza da sua essência fosse diferente, o que impede ver o seu denominador comum. Para entendermos o trabalho como produção do Ser e como função de desenvolvimento do próprio Ser, necessitamos de um conceito unificador psique-natureza, subjetivo-objetivo, ser humano-mundo, que nos é difícil não só conceber, como aplicar. Este conceito unificador foi formulado por Heidegger na Filosofia como o Ser (Heidegger, 1929) e por Teilhard de Chardin, jesuíta, biólogo e paleontólogo (estudioso dos fósseis) na Filosofia da evolução. Chardin concebeu uma teoria segundo a qual a energia-matéria cósmica formou galáxias, uma das quais é a Via Láctea, dentro da qual estão o nosso Sistema Solar e o nosso Planeta. A biologização da Terra é vista por Chardin como parte da transformação do Cosmos, que se diferenciou através da neurologização e culminou na formação da Consciência humana (Chardin, 1947). Dentro dessa perspectiva, as polaridades mente-corpo, psique-natureza, subjetivo-objetivo não são mais vividas como uma dualidade dicotomizada, e sim como uma polaridade que tem como denominador comum a energia cósmica, conceito este no todo análogo ao Ser de Heidegger. Sendo Chardin jesuíta, a pergunta é inevitável: "E Deus, onde ficou?" A resposta da sabedoria da Índia através de um Brahmane é que "Deus é um só, mas, através da História, os sábios deram-lhe muitos nomes". Quer chamemos Ser, energia cósmica, consciência ecológica, ou Deus, não importa. O essencial é que temos agora um campo energético unitário, no qual podemos estudar a vida humana, o desenvolvimento da Consciência Individual e o da Coletiva e o trabalho que modifica o mundo, enraizado em nossa maneira de ser. O problema é que conceitos usar para interagir as partes inteligentemente dentro do Todo sem perder a coerência sistêmica (Bertalanffy, 1968).

A resposta que concebi para este desafio foi a ampliação do conceito tradicional de símbolo com a formulação dos conceitos de símbolo e de função estruturante, abrangendo todas as vivências das coisas e todas as funções da vida e, por isso,

contendo características subjetivas e objetivas sempre possíveis de serem relacionadas com o Todo. Dentro desta perspectiva, cada vivência é um símbolo do Todo e cada função é uma função do Todo. Mas por que estruturante? Porque ao serem vivenciados, os símbolos e as funções estruturantes produzem significados, que vão formar e transformar a identidade do Eu e a do Outro na Consciência e na Sombra. As funções existenciais atuam sobre os símbolos estruturantes extraíndo os seus significados na principal atividade psíquica que se chama processo de elaboração simbólica. É fundamental acrescentar que os distúrbios do processo da elaboração simbólica, como descobriu Freud, fixam os símbolos estruturantes e tornam as funções estruturantes defensivas, isto é, predominantemente inconscientes e inadequadas, formando a Sombra descrita por Jung. Este dado é imprescindível para percebermos as disfunções de uma empresa dialeticamente relacionada com suas partes produtivas dentro do Todo.

Pelo fato dos símbolos estruturantes incluírem todas as coisas que vivenciamos e das funções estruturantes abrangerem todas as funções que exercemos, é evidente que o trabalho humano pode também ser estudado como símbolo e função estruturante.

O trabalho humano é a setorização de um trabalho maior que envolve todas as atividades da vida, que formam e transformam a Consciência. O trabalho de cada dia é símbolo e função estruturante, porque seus significados simbólicos fazem parte da elaboração simbólica de todo o Ser na dimensão individual, social e planetária. Este é o referencial teórico para estudar o trabalho e a empresa além da Economia dentro da dimensão existencial como um Todo. Através da simbolização e da elaboração simbólica do trabalho em cada instituição e em cada pessoa, temos a possibilidade de perceber o trabalho criativo e diferenciá-lo do trabalho defensivo e alienado. O conceito de Marx do trabalho alienado e da "mais valia" pode ser também simbolizado e estudado além da dimensão econômica como o trabalho defensivo, cuja elaboração simbólica está fixada e expressa por defesas, que causam a alienação do Ser na dimensão individual e na coletiva, junto com o trabalho (Byington, 1980).

A relação simbólica do trabalho com o Todo pode ser feita através do conceito arquetípico de Self, que Jung cunhou para expressar o Todo da personalidade no Processo de Individuação. No estudo simbólico do trabalho, necessitamos ampliar o conceito Junguiano de Self para abranger também a dimensão coletiva, na qual se realiza o trabalho e onde situaremos o estudo do Self da empresa.

O conceito de Self Individual definido por Jung (1921) como a soma dos processos conscientes e inconscientes das pessoas foi por mim ampliado em duas dimensões. A primeira foi a dimensão transpessoal, que nos permite perceber o Self além da dimensão

individual, também na dimensão familiar, institucional, empresarial, cultural e planetária e em todas as demais dimensões onde percebemos a interação significativa das partes formando um todo. A segunda ampliação do conceito Junguiano de Self diz respeito a englobar a dimensão objetiva junto com a subjetiva. Esta ampliação decorre da ampliação do conceito de símbolo, de função e de energia psíquica para englobar também a dimensão objetiva. Estas duas ampliações do conceito de Self permitem estudar a Psicologia da Empresa como uma instituição simbólica formando um Self, o Self da Empresa, uma totalidade viva, dinâmica, com características conscientes e inconscientes, subjetivas e objetivas, cujas partes se interrelacionam significativamente dentro do Todo através do trabalho simbólico. Com esta ampliação das várias dimensões do Self, podemos dizer que o Self da Empresa interrelaciona-se com o Self das pessoas que a integram e com o Self Cultural da sociedade através daquilo que a empresa produz.

Denomino esta perspectiva psicológica de Psicologia Simbólica, porque o símbolo estruturante, que abrange características subjetivas e objetivas, inaugura um novo paradigma, uma nova metodologia científica. Símbolo é a reunião de duas ou mais partes por um significado qualquer. Desta maneira, os conceitos de símbolo e de sinal têm sido usados em todos os ramos do conhecimento. O sinal é um símbolo de significados resumidos e precodificados, como, por exemplo, o cifrão, (\$) que representa o dinheiro. Já o símbolo "dinheiro" tem incontáveis significados subjetivos e objetivos, que vão muito além do sinal "\$" que o representa. O conceito tradicional de símbolo na Psicologia reúne os acontecimentos unicamente através de características subjetivas. As características objetivas são estudadas dentro das ciências da natureza. Um animal feroz, num sonho, por exemplo, é interpretado somente como símbolo da agressividade do sonhador. Sua natureza orgânica não é incluída na Psicologia e é estudada exclusivamente na Biologia. O símbolo estruturante, ao contrário da noção tradicional de símbolo, é conceituado como a célula da Psique, que se liga ao Todo, ao Self, por seus significados subjetivos e objetivos, produzidos por funções estruturantes dentro do processo de elaboração simbólica. No caso de uma empresa, o local de trabalho, os funcionários, o produto, as vendas, o mercado, a atmosfera de trabalho, o prejuízo e o lucro, cada parte é formada por símbolos estruturantes ligados ao Todo da empresa por funções estruturantes durante o trabalho.

O símbolo estruturante é um transformador de energia que produz significados para formar a Consciência, que é a parte "gerencial" do Self. A Consciência é formada pela identidade do Eu e a do Outro. Este Outro pode ser formado por pessoas, coisas ou funções. O Eu da empresa é representado por qualquer funcionário que esteja

vivenciando em qualquer momento uma necessidade da empresa e o Outro será o objeto do seu discurso naquele momento. Este Eu é muito dinâmico e muda de pessoa a todo instante.

Os símbolos estruturantes do Self da empresa são todos os acontecimentos da vida empresarial, cuja elaboração simbólica forma e transforma a todo momento a identidade do Eu e a do Outro na empresa. Abre-se a firma pela manhã. A chegada dos funcionários é um símbolo estruturante e sua função estruturante é a performance dos funcionários no trabalho. Chega uma mercadoria. Ela é um símbolo estruturante. Sua função estruturante correspondente é o abastecimento da firma. As funções estruturantes elaboram os símbolos estruturantes e através dessa elaboração simbólica produzem significados que formam e transformam permanentemente a Consciência, o Eu e o Outro no Self da empresa. Os atrasos e as faltas como símbolos estruturantes serão elaborados pela função estruturante do desempenho, e os significados de suas causas, como doença, problemas de transporte, dificuldades da vida familiar e responsabilidades fora da empresa, irão formar a identidade do funcionário. As mercadorias entregues elaboradas como símbolos estruturantes pela função estruturante da manutenção produzirão dados positivos e negativos que serão incorporados na Consciência como pontualidade, quantidade e qualidade.

Um candidato a emprego terá, no dia seguinte, uma entrevista de seleção. A entrevista é um símbolo estruturante que representa necessidade financeira, capacidade de competir, esperança, medo de fracasso, desafio, ambição e um sem número de significados. Dias antes da entrevista, o candidato começa a pensar nela e a se preparar. Ele começa a "elaborar simbolicamente" a entrevista e a extrair significados "simbólicos" dessa elaboração para formar a identidade do seu Eu e a do entrevistador, que nesse caso formará a identidade do Outro. O candidato lança mão da função estruturante da imaginação e começa a elaboração simbólica da entrevista. Ele imagina que a entrevista será muito tensa e trará a ele muita ansiedade. Com esses significados extraídos do símbolo estruturante, ele elabora um Eu para enfrentar a tensão, a ansiedade e o medo. Para elaborar mais o símbolo, agora assumida sua característica amedrontadora, o candidato lança mão da função estruturante do relaxamento, treinada num curso que já fez, e a da afetividade, telefonando para colegas e se assessorando. Em elaborações sucessivas, ele vai estruturando o seu Eu de "entrevistado". Da mesma forma, ele vai elaborando o símbolo para extrair significados e compor a identidade do Outro, entrevistador. O colega que trabalha na empresa e o indicou para o posto lhe informa que os cinco entrevistadores da firma são treinados para falar pouco, fazer perguntas concisas

e ouvir muito, inclusive sobre a motivação do candidato. Estas informações são usadas como funções estruturantes para continuar a elaboração simbólica da entrevista, formando a identidade do entrevistador, do entrevistado e seu relacionamento. Esta identidade será expressa na Consciência através de uma Persona, ou seja, de uma atitude apropriada para o relacionamento social, como concebeu Jung. Caso haja uma fixação desta elaboração simbólica durante o seu desenvolvimento, os símbolos e as funções estruturantes fixados serão operacionalizados pelas funções estruturantes defensivas na Sombra. Digamos que, durante a elaboração, o candidato comece a temer dar uma resposta errada e a possibilidade de ser humilhado pelo entrevistador. Se ele não conseguir levar adiante esta elaboração do medo e, por conseguinte, ela permanecer fixada na Sombra, expressando-se por uma defesa (paranóide) de medo, forma-se um complexo patológico que ameaçará o desempenho do candidato. Ao errar uma resposta durante a entrevista e sentir que o entrevistador riu de maneira humilhante, existe o risco do complexo ser ativado na Sombra e a defesa paranóide desencadear uma agressão ao entrevistador completamente inadequada, que colocará tudo a perder.

A Psicologia Simbólica considera todos os símbolos e funções estruturantes arquetípicos. Isto equivale a dizer que toda e qualquer vivência humana tem sempre componentes que ultrapassam as circunstâncias da vida pessoal e pertencem à vida comum da espécie. Por mais circunstanciais que os símbolos sejam, há sempre uma raiz arquetípica em todos os eventos psíquicos, cujos significados dizem respeito ao Todo. A própria elaboração simbólica liga sempre os símbolos e as funções estruturantes ao Todo pelo fato dela ser coordenada pelo Arquétipo Central e pelo Quatérnio Arquetípico Regente, que o assessora, composto pelos Arquétipo Matriarcal, Arquétipo Patriarcal, pelo Arquétipo de Alteridade e pelo Arquétipo da Totalidade.

### **O Modelo de Trabalho da Psique e da Empresa**

O grande trabalho da espécie humana é a elaboração simbólica para formar e transformar a identidade do Eu e a do Outro na Consciência e na Sombra. A Psique é uma grande empresa, cuja principal atividade, em três turnos, é a elaboração simbólica. O terceiro turno ocorre com a atividade cerebral durante o sono, no qual a principal função estruturante da elaboração simbólica é o sonho.

O funcionamento da Psique é o melhor modelo para que as atividades humanas, e dentre elas o trabalho, sejam percebidas e atuadas de forma autêntica e sintônica com a natureza do Ser. Para conhecermos esse funcionamento, é necessário sabermos que a

elaboração simbólica é coordenada por arquétipos, que Jung, seguindo Platão, formulou como matrizes genéticas inconscientes, que se expressam por imagens universais, como a imagem do herói, da bruxa, da criança divina e do bufão, presentes em todas as culturas. Ampliei o conceito de Arquétipo para englobar o subjetivo e o objetivo e também para coordenar a relação Eu-Outro e Outro-Outro na Consciência e na Sombra.

Conhecer as cinco posições arquetípicas da Consciência é muito importante para o psicólogo, mas também o é para quem queira compreender e operar qualquer instituição de forma sistêmica, isto é, de forma global inteligente. Isto se dá porque cada arquétipo e sua forma típica de coordenar a relação Eu-Outro estão indicados para elaborar, ou seja, administrar situações típicas. Nesse caso, um erro na escolha do arquétipo regente para elaborar determinado problema torna-se um erro grave de administração empresarial.

Cada um dos cinco principais arquétipos tem uma posição típica característica do Eu se relacionar com o Outro ou do Outro com o Outro na Consciência e na Sombra. A polaridade Eu-Outro se refere a todas as situações nas quais o Eu da pessoa se relaciona com alguém ou alguma coisa. Um gerente avalia um subordinado. Durante o relatório, ele será o Eu e o funcionário será o Outro. A polaridade Outro-Outro se refere ao Eu dessa pessoa que observa a relação entre duas outras pessoas ou uma pessoa e alguma coisa ou entre duas coisas. Durante o relatório, o Eu do gerente considera que a reação emocional do avaliado a um determinado membro da equipe é descabida. Nesse momento, o Eu do gerente está avaliando o relacionamento Outro-Outro.

O Arquétipo Central é o grande centralizador e coordenador de todo o processo de desenvolvimento psicológico do Self, que se dá através da elaboração simbólica e inclui os quatro arquétipos regentes e as posições Eu-Outro e Outro-Outro que os caracterizam. A posição da polaridade Eu-Outro e Outro-Outro que melhor lhe corresponde na Consciência é a posição indiferenciada, que ocorre quando um símbolo estruturante é constelado e tem início uma nova elaboração. No caso do candidato entrevistado, quando ele recebeu a notícia da seleção e o símbolo estruturante da entrevista foi ativado no seu Self e começou sua elaboração simbólica pelo Arquétipo Central, a Consciência ficou indiscriminada quanto ao símbolo da entrevista. Nesse estágio, o entrevistado não sabe a diferença entre ele e o entrevistador. O que o entrevistado faz, pensa e sente e o que um entrevistador faz, pensa e sente estão misturados a tal ponto que temos realmente um estado de indiscriminação. O prosseguimento da elaboração simbólica, ainda coordenada pelo Arquétipo Central, ocorre na posição insular, característica do Arquétipo Matriarcal, sendo, por isso, denominada etapa de dominância matriarcal. Ela será seguida

pela posição polarizada sob a dominância patriarcal; pela posição dialética sob a dominância da alteridade; e culminará na posição contemplativa, que coordenará a relação Eu-Outro e Outro-Outro sob a dominância do Arquétipo da Totalidade. Tudo, em última instância, inteligentemente centralizado na função criativa do Arquétipo Central. O Arquétipo de função defensiva?

O Arquétipo Matriarcal coordena a elaboração simbólica na dimensão da sensualidade, da fertilidade e da sobrevivência na posição insular, na qual o Eu-Outro e o Outro-Outro ocupam ilhas de vivências que se alternam na Consciência. O entrevistado pode se imaginar com o entrevistador numa sala, respondendo e perguntando, separado do mundo. Às vezes, imagina a cortina da sala, ou o tapete, ou o bigode hipotético do entrevistador se movendo sobre uma gravata vermelha enquanto ele fala. Em outros momentos, imagina-se deslumbrando o entrevistador com relatos impressionantes ou dando mil foras e sendo desprezado por ele. Na posição insular vivencia-se, de forma concreta ou abstrata, a elaboração simbólica diretamente através dos sentidos.

O Arquétipo Patriarcal coordena a elaboração simbólica dentro da organização abstrata na posição polarizada, na qual o Eu-Outro ou Outro-Outro são interrelacionados de forma lógica e racional inserida em sistemas coerentes pré-organizados. O entrevistado se imagina agora diante do entrevistador numa sala, ambos claramente posicionados, relacionando-se nos seus devidos papéis e articulados coerentemente com as polaridades segurança-insegurança, superior-inferior, dependente-independente, sucesso-fracasso, competência-incompetência e adequação-inadequação. Através da posição polarizada, o Arquétipo Patriarcal invoca da memória as situações já elaboradas patriarcalmente, que estabelecem os referenciais "politicamente corretos" de como deve ser a vida e as tarefas necessárias para se realizar esses desafios de forma cada vez mais perfeita. O entrevistado agora se insere com o entrevistador dentro das regras da entrevista profissional e aceita ser inquirido e rejeitado caso sua pessoa ou seu desempenho na entrevista sejam considerados insatisfatórios.

O Arquétipo da Alteridade coordena a elaboração simbólica dentro da relação democrática, na posição dialética, onde as polaridades Eu-Outro e Outro-Outro buscam uma interação com direitos iguais para afirmar a sua identidade e as suas diferenças. Trata-se de uma posição na qual o Eu-Outro e o Outro-Outro podem assumir todos os aspectos de sua identidade, mesmo os mais indesejáveis, repudiados e temíveis que formam a sua Sombra. Nesta posição, o entrevistado admite errar e analisar seus erros e apontar limitações suas e do entrevistador e, apesar disso, ou até mesmo por causa disso, ser aprovado. A posição dialética coordenada pelo Arquétipo da Alteridade busca a

totalidade do potencial de realização humana com suas virtudes e defeitos e não a perfeição ambicionada pela coordenação patriarcal. Numa entrevista de seleção coordenada predominantemente pela posição polarizada do Arquétipo Patriarcal, a busca do Self que engloba a polaridade entrevistado-entrevistador é apresentar, registrar e enaltecer as realizações bem sucedidas. Seu grande perigo é esconder os fracassos e propiciar a formação de uma grande Sombra cheia de omissões, e até de mentiras, durante a entrevista. Já numa entrevista coordenada predominantemente pela posição dialética do Arquétipo da Alteridade, a busca do Self que engloba a polaridade entrevistado-entrevistador reúne as virtudes e os defeitos humanos, que incluem a abertura para conscientizar as limitações tanto do entrevistado quanto do entrevistador, a compaixão para suportá-las e a capacidade criativa para operacioná-las de maneira inteligente. E da melhor maneira possível.

O Arquétipo da Totalidade coordena a elaboração simbólica dentro da totalidade do Self na posição contemplativa, na qual as polaridades Eu-Outro e Outro-Outro são abstraídas, tendendo sua oposição a se esmaecer, de tal maneira que a Consciência as vivencia no Todo dentro de uma unidade atemporal. Nessa etapa, a produtividade da elaboração simbólica da entrevista caminha para o ponto culminante. O entrevistado já pode agora se perceber com o entrevistador no trabalho comum da seleção, junto com outros entrevistados e entrevistadores na empresa que os está selecionando, e em meio a inúmeras outras empresas que já selecionaram e continuarão a exercer o trabalho de candidatos e de selecionadores de forma tão natural quanto é a chuva e o vento, a noite e o dia. Ao vivenciar sua entrevista simbolicamente tão bem elaborada, o candidato acha-se psicologicamente preparado para ela e, no que depender do seu equilíbrio emocional, ele certamente produzirá o seu melhor durante a entrevista. Uma compreensão mais detalhada e abrangente das posições arquetípicas da Consciência e da Sombra e dos seus respectivos arquétipos regentes pode ser estudada em meu livro *Pedagogia Simbólica* (Byington, 1996).

### **O Símbolo do Trabalho na Cultura Ocidental**

Na sua *Psicologia Individual*, Alfred Adler valorizou muito a busca do poder de cada indivíduo para suplantarmos um Complexo de Inferioridade, que toda criança teria diante do mundo adulto. Haveria assim um sentido finalista prospectivo no Complexo de Inferioridade que influenciaria o futuro de cada personalidade. Situando-se entre a perspectiva causalista de Freud e finalista de Adler (Jung, 1914), Jung descreveu o

sentido prospectivo dos símbolos, tão bem ilustrado pelo sonho que teve, aos quatro anos de idade, com um enorme falo subterrâneo entronado, que só décadas mais tarde compreendeu que era um falo ritual (Jung, 1960). Aos oitenta anos de idade, Jung terminou *Mysterium Coniunctionis*, seu último grande livro, no qual formulou o casamento dos opostos, inclusive do Sol e da Lua na alquimia como símbolo de auto-realização da personalidade (Jung, 1954). Quando percebemos que esta obra culminou uma vida de criatividade, na qual ele demonstrou fartamente o simbolismo espiritual da sexualidade, damos conta da capacidade prospectiva do símbolo do falo divinizado como tema central do primeiro grande sonho de sua vida.

Hegel (1770-1831), em suas conferências sobre a Filosofia da História (Hegel, 1830), empregou prospectivamente o símbolo de Deus como o espírito que se encarna progressivamente na civilização durante a História.

Através das características prospectivas dos arquétipos, dos símbolos e das funções estruturantes, pude embasar cientificamente esta idéia de Hegel e formular uma Teoria Arquetípica da História (Byington, 1983). Nesta teoria, concebo a mitologia como "o sonho das culturas". Os símbolos da Mitologia expressam, através da imaginação criativa dos povos, os acontecimentos passados, reais ou imaginados, e o desenvolvimento psicológico por eles ensejado. Expressam também, prospectivamente, características gerais do desenvolvimento futuro da cultura. Desta maneira, a Mitologia, como os grandes sonhos, assinala sempre também o caminho arquetípico e simbólico prospectivo a ser trilhado pelo futuro das culturas.

Nosso mito bíblico da criação expressa na Gênese a passagem da dominância matriarcal para a dominância patriarcal na cultura (Byington, 1999), que inclui uma fixação repressiva defensiva patriarcal. Esta fixação da integração do Arquétipo Patriarcal torna a ingestão do fruto da Árvore do Bem e do Mal uma transgressão punida com a maldição (Byington, 2000), da qual faz parte o trabalho humano:

*"E a Adão disse: -Visto que atendeste a voz da tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara que não comesses: maldita é a terra por tua causa: em sofrimento obterás dela o sustento durante os dias de tua vida". (Gen. 3:17).*

Nossa cultura associa uma grande superexigência e culpa com o trabalho e, ao mesmo tempo, acarreta imensa destruição ecológica. Será isto obra do acaso ou realização fatídica do prenúncio prospectivo dos símbolos do nosso Mito de Criação? O especialista nos significados do trabalho, Domenico de Masi assinala, em seu livro *O Ócio*

Criativo, que a longevidade crescente aumenta dia-a-dia o número de aposentados e que estes se deprimem porque perderam a capacidade de ter prazer durante os anos em que trabalharam (Masi, 2000).

O efeito prospectivo dos símbolos dos mitos na História não deve ser compreendido como uma profecia, pois ocorre através da mentalidade da cultura e das crenças e ensinamentos repassados pela família através das gerações. Dentro desta Teoria Mitológica da História, o Mito Cristão e o Novo Testamento são percebidos como símbolos prospectivos que vieram resgatar a fixação patriarcal repressiva do Velho Testamento e propiciar a implantação histórica do Arquétipo da Alteridade com a compaixão de viver e trabalhar com amor, sem culpa e maldição (Byington, 1983). No entanto, a institucionalização do Mito Cristão, através do modelo imperial romano, manteve, e muitas vezes agravou, a fixação patriarcal repressiva do Velho Testamento (Byington, 1991). Os símbolos da crucificação e da ressurreição, que têm no Mito exatamente a função de elaborar e ultrapassar a fixação patriarcal repressiva, foram dominados pela fixação do símbolo da crucificação usado institucionalmente para mantê-la. Desta maneira, a imagem central da pregação nos templos cristãos passou a ser o Cristo crucificado, usada para reprimir e coagir os cristãos à obediência patriarcal da Igreja. Este fato impediu a vivência redentora da maldição e da culpa na glória da plenitude existencial, propiciada pela vivência da alteridade na Ressurreição do Cristo.

O Mito do Budha corresponde à implantação do Arquétipo da Alteridade no Oriente. Diferentemente do Cristianismo, chamam a atenção no Budismo as inúmeras atividades criativas que exercitam a alteridade nas artes, nas empresas e na vida diária. Participei de um seminário budista, no qual passamos algumas horas arrancando mato da terra, considerada uma prática importante para se vivenciar a diferença entre o Bem e o Mal no trabalho e na vida.

### **A Redenção do Trabalho como Auto-Realização na Alquimia**

Apesar da intensa patriarcalização defensiva do Mito Cristão durante a seca institucionalização, como religião sua característica prospectiva civilizatória para implantar o Arquétipo da Alteridade continuou se fazendo no Renascimento e nas Ciências Modernas, que terminaram por banir a Igreja da Universidade no final do século XVIII.

A paixão renascentista pelo conhecimento da natureza ensejou a prática da alquimia na Europa. Diferentemente de outras partes do mundo, a alquimia européia apresentou uma característica salvacionista por ter-se desenvolvido dentro do Mito

Cristão. A busca do ouro como pedra filosofal se superpôs na alquimia européia à vivência mística da busca de Cristo.

Os alquimistas serviam secretamente a príncipes que desejavam o ouro para guerrear entre si. Além disso, os alquimistas misturavam o subjetivo ao objetivo na vivência mística do trabalho alquímico. Isto fez com que criassem uma linguagem secreta fantasmagórica que também serviu para camuflar suas pesquisas e os protegeu da cruz repressora da Inquisição.

A vivência da transformação das substâncias em função da busca do Cristo permitiu a ultrapassagem defensiva da crucificação e a vivência criativa da ressurreição. O trabalho maldito, associado ao castigo pela transgressão da Árvore do Bem e do Mal, deu lugar ao laboratório - labor + oratorium - abençoado e sacralizado para auto-realizar o potencial criativo da imaginação humana através do trabalho de transformação da matéria. O trabalho alquímico criativamente integrado no Todo passou a ser a Obra, o Opus. A vivência simbólica dos alquimistas, integrando a operação química objetiva junto com seus significados subjetivos, era extraordinária e foi a grande precursora do conceito de energia. A elaboração simbólica da matéria revelou muitas características emocionais como a existência de um denominador comum e a equivalência entre a agressividade e a afetividade na transformação das substâncias. A elaboração simbólica desta equivalência resultou no reconhecimento da dialética criativa entre a afetividade e a agressividade no desenvolvimento da personalidade e, ao mesmo tempo, na descoberta da atração e da repulsão dos metais, que levou a química a descobrir a composição dos sais, como, por exemplo, o nosso sal de cozinha, o cloreto de sódio (Na+Cl<sup>-</sup>).

A busca da transformação das substâncias baseada nesse denominador comum abriu o caminho para a teoria Junguiana da libido como energia psíquica, comum a todos os símbolos e não somente aos símbolos da sexualidade como postulava Freud, e também para a classificação atômica dos elementos, formados por prótons, nêutrons e elétrons, base da relação energética matéria-energia, subjacente a toda Física e Química moderna. Num terceiro aspecto, a elaboração simbólica das substâncias, tanto nos seus aspectos subjetivos como objetivos, exerceu extensa e profundamente a relação dialética Eu-Outro e Outro-Outro, característica do Arquétipo da Alteridade, essencial para a implantação do método científico dialético na Consciência Individual e na Coletiva. A reintegração da elaboração simbólica do trabalho como atividade criativa do Self, articulada sistemicamente com o Arquétipo Central, era reconhecida e assegurada pelos alquimistas com um D.C. ao final da descrição de cada nova experiência, que quer dizer Deo Concedente, "com a permissão de Deus".

Infelizmente, esta vivência criativa do trabalho como desenvolvimento do Self Individual e do Self Empresarial, que incluía a imaginação criativa junto com cada operação objetiva, foi radicalmente interrompida com a tomada do poder pela Ciência na Universidade no final do século dezoito. Esta revolução científica decretou o banimento do controle preconceituoso e repressivo da Inquisição, o que foi muito positivo, mas, infelizmente, banuiu junto toda a dimensão subjetiva. Esta atitude dissociadora da Ciência é compreensível como reação a muitos séculos de intolerância, perseguição, humilhação, tortura e assassinato. Apesar de racionalizada "cientificamente" como uma atitude inerente ao método científico, esta reação foi uma grande defesa, que dissociou o Self Cultural e separou outra vez o amor do trabalho. Sem um respaldo teórico integrado e com a nova filosofia materialista da ciência, reinstalou-se a maldição do trabalho e do conhecimento, ainda que disfarçada pelo manto da seriedade e da pureza da objetividade, que tanta destrutividade tem acobertado na Sombra trágica da civilização industrial.

A implantação histórica da Alteridade e da busca da integração criativa do trabalho humano no Todo continua hoje através da globalização e da conscientização crescente da natureza e das disfunções do Processo de Humanização. As limitações de espaço tornam este artigo apenas uma introdução para o estudo simbólico de um tema tão vasto como é o trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTALANFFY, Ludwig von (1968) - "General Systems Theory", New York, Brazuller, 1968.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho (1980) - "Psicologia e Política - Uma Leitura Arquetípica da Dialética de Classes em Psicanálise e Política". Textos das Conferências realizadas na PUC/RJ, Bloch Edts., em 17/set a 29/out de 1980.

\_\_\_\_\_ (1983) - "Uma Teoria Arquetípica da História - O Mito Cristão como o Principal Símbolo Estruturante do Padrão de Alteridade na Cultura Ocidental". Junguiana, Revista da Soc. Bras. De Psic. Analítica, no. 1, Petrópolis, 1983.

\_\_\_\_\_ (1991) - "Prefácio do Martelo das Feiticeiras". Sprenger & Kraner, 1454, Ed. Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1991.

\_\_\_\_\_ (1999) - "a Família como Dimensão Simbólica do Self". Revista Junguiana, no. 17, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_ (2000) - "A Inveja Criativa e Defensiva - Introdução ao Estudo das Funções Estruturantes pela Psicologia Simbólica". São Paulo, 2000.

CHARDIN, Pierre Teilhard de (1997) - "Le Phenoméne Humain", Paris, Ed. du Cruil, 1995.

HEGEL, Georg Wilhelm Fridrich (1831) - "The Philosophy of History", New York, Dover, 1956.

HEIDEGGER, Martin (1926) - "Ser y Tiempo" - Madrid, Fundo de Cultura Econômica, 2<sup>a</sup> Ed., 1961.

JUNG, Carls Gustav (1914) - "Some Crucial Points in Psychoanalysis: A Correspondence between Dr. Jung and Dr. Loy". CW 4, par. 638, London, Routledge & Kegan Paul, 1961.

\_\_\_\_\_ (1954) - "Mysterium Coniunctionis" - CW 14, London, Routledge & Kegan Paul, 1963.

\_\_\_\_\_ (1961) - "Memórias, Sonhos e Reflexões". Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

MASI, Domenico (2000) - "O Ócio Criativo". Rio de Janeiro, GMT Ed., 2000.

TABONE, Márcia (1987) - "A Psicologia Transpessoal". São Paulo, Ed. Cultrix, 1993